

Rede hospitalar do DF não suporta demanda do Entorno

Conchita Rocha

O secretário de Saúde, Laércio Valença, está preocupado com o número cada vez maior de atendimento a pacientes de outros estados na rede hospitalar do Distrito Federal. Recentemente ele encomendou uma pesquisa nos hospitais que surpreendeu ao revelar que pelo menos 25% do atendimento é destinado a doentes de estados como Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Piauí, Rondônia e Amazonas.

«Ainda não podemos avaliar o quanto gastamos com esses pacientes, mas o ônus para o nosso orçamento é grande», disse o secretário. Até julho, a estimativa do orçamento da Fundação Hospitalar do Distrito Federal era de cerca de R\$ 31 bilhões, com recursos obtidos junto à Secretaria de Planejamento (Seplan), através do Governo do Distrito Federal, e com repasses do Inamps. Laércio Valença explicou que toda a verba destinada à FHDF é calculada pelos órgãos para o atendimento da população do DF, hoje, em torno de 1,7 milhões de habitantes, sem serem computados os chamados pacientes «fora de área».

Segundo o censo realizado pela FHDF, o Hospital Regional do Gama, (HRG) saiu na frente com índices de 47,42% de seus leitos ocupados por pacientes de outros estados. O HRG, neste aspecto, é o «doente» mais grave da rede de hospitais da Fundação. No setor de internação a média de pacientes de outros estados na Clínica de Tisiologia (doenças de pulmão), chega a 82%, e na Maternidade chega a 64%.

Superlotação

O diretor do HRG, Edson Martins de Oliveira, garante que os 600 leitos do hospital seriam suficientes para atender os 205 mil habitantes do Gama, não fosse a superlotação com pacientes de outros estados. «Só em Luziânia e Cristalina, cidades de Goiás, existem 300 mil habitantes sem nenhum atendimento médico gratuito e estes pacientes vêm para o nosso hospital», disse Edson.

«A porta de entrada para esses doentes é o pronto socorro, que hoje atende cerca de 850 pacientes diariamente, 33% dos quais vindos de fora do Distrito Federal. No atendimento ambulatorial média cai para 30%. O diretor calcula que dos R\$ 140 milhões gastos pelo hospital em junho último, perto de R\$ 56 milhões foram despendidos com pacientes de outros estados.

Para o secretário de Saúde, casos como o do Hospital Regional do Gama, com seus seis Centros de Saúde, e dos demais seriam solucionados com a melhoria real do Sistema de Saúde do País.

Gastos chegam a R\$ 1,6 bilhão

A relação dos gastos dos hospitais regionais da rede ainda não foram atualizados pela FHDF. Os últimos dados são de abril, quando foram gastos R\$ 1,6 bilhão nos nove hospitais regionais, 40 centros de saúde, administração, unidades independentes, como o Hospital Psiquiátrico e o de Saúde Mental.

Pelos valores levantados, o hospital mais caro da rede é o de Base de Brasília (HBB), que a princípio deveria atender apenas a casos mais graves, chamados terciários. Em abril, o HBB custou aos cofres do Governo, R\$ 429,3 milhões. O hospital regional de menor custo foi o de Planaltina, com R\$ 57,7 milhões.



No Hospital Regional do Gama diversos pacientes são atendidos nos corredores por falta de vagas

Estados abandonam seus pacientes

Os percentuais obtidos pela pesquisa de pacientes de outros estados internados em hospitais como Planaltina, Hospital de Base de Brasília, Sobradinho e Brazlândia também foram consideráveis. Além de todos os problemas causados por este atendimento, os diretores reclamam da falta de consciência de muitos hospitais e administrações das cidades em que vivem os doentes, que mandam deixá-los e desaparecem, sem se preocuparem com seu retorno ao local de origem, encargo que acaba ficando por conta da FHDF.

Para o chefe do Serviço de Medicina Integrada do Hospital Regional de Planaltina, (HRP) Luiz Henrique Paiva Salazar, a presença de pacientes de Goiás, Bahia e de todo o Nordeste — que no HRP ocupam 35,7% dos leitos nos hospitais da rede, se deve a «causas muito profundas». Entre elas, citou a

carência de recursos médicos — a partir de Planaltina, o hospital mais próximo é localizado em Barreiras, na Bahia —, a falta de confiança dos doentes nos médicos de suas localidades e o próprio descaço desses médicos no atendimento do interior.

No HRP, cálculos realizados pela direção, mostram que seus 50 leitos atendem a cerca de 300 mil habitantes. Em Planaltina, vivem apenas 65 mil deste total. Esses pacientes chegam ao hospital e se dirigem diretamente ao pronto-socorro, e muitas vezes são encaminhados ao ambulatório, quando trata-se de casos mais simples.

No Hospital de Base, que tem a média de 28,23% de seus 550 leitos ocupados por pacientes de outros estados, é comum o aparecimento de pacientes com casos graves de ortopedia, que exigem a colocação de próteses a preços de R\$ 1 mi-

lhão. Segundo levantamento do próprio secretário de Saúde, em junho último foi verificado que de 13 casos graves do Setor de Ortopedia do pronto-socorro, nove eram de outros estados. «Esta sobrecarga tira a vez dos pacientes que moram em Brasília», avaliou Laércio Valença.

Nas diretorias dos Hospitais de Brazlândia (HRB) e de Sobradinho (HRS) é comum a reclamação do que é chamado de «despejo de pacientes», de outros estados, sem qualquer cuidado ou atenção por parte das ambulâncias que os transportam — muitas vezes conseguidas junto às próprias prefeituras das cidades. Eles reclamam que muitas vezes, em estado grave, o paciente é deixado meses no hospital sem qualquer informação, sendo necessária a colocação de avisos em rádios para que os parentes venham buscá-lo.

Ivo veio do Rio para se curar aqui

O melhor médico de Brasília é a Ponte Aérea, disse há algum tempo o presidente do Banco Nacional e ex-deputado Magalhães Pinto. Ministros, deputados e senadores sempre que enfrentam um problema de saúde recorrem a centros mais avançados em busca de tratamento médico. Ivo Silva Bolzada, carioca de Riachuelo, não é ministro e nem tem o costume de usar o avião como meio de transporte. Talvez por isso tenha desconhecido a frase de Magalhães Pinto e deixado o Rio de Janeiro, no último dia 24, para arriscar tratamento médico gratuito no Hospital Regional do Gama.

«No Rio tem muito doente para pouco médico. Em Brasília, em apenas um dia, consegui fazer exame de sangue e urina e ainda por cima radiografia do pulmão», diz Bolzada. Funcionário da Petrobrás, há dois anos licenciado pelo Inamps, Bolzada, 60 anos, que tem problemas nas vias respiratórias, percorreu hospitais cariocas, como o Carlos Chagas e o Salgado Filho, e acabou decidindo que o melhor era buscar tratamento em outro

NÚMEROS DO ATENDIMENTO

| Hospital | Pacientes de Bsb | Pacientes de Fora | Total |
|----------|------------------|-------------------|-------|
| HRG | 153 | 112 | 265 |
| HRP | 178 | 099 | 277 |
| HBDF | 170 | 067 | 237 |
| HRAS | 060 | 019 | 079 |
| HRB | 055 | 016 | 071 |
| HRS | 091 | 024 | 115 |
| HRAN | 079 | 015 | 094 |
| HRT | 188 | 021 | 209 |
| HRC | 139 | 001 | 140 |

Estado.

Precária no atendimento de pacientes que necessitam de medicina sofisticada, Brasília ainda apresenta um razoável nível de atendimento na área de medicina primária e secundária. Com 40 centros de saúde e nove hospitais, o serviço médico brasileiro consegue atrair pacientes de outros estados e da região geoeconômica do Distrito Federal.

Boaventura Gonçalves de Queiroz, 70 anos, morador de Luziânia, também está tentando atendimento no HRG. «Fui ao Hos-

pital Santa Luzia de minha cidade, mas o médico de lá me mandou para o HRG, afirmando que não poderia resolver meu problema». O paciente é aposentado pelo Funrural e sofre de infecção nos rins.

Tarcício Luiz Ferreira, marceneiro, morador de Céu Azul, também passou pelo pronto-socorro do hospital do Gama na semana passada. «Tenho a garganta inflamada e febre. Aqui o atendimento é demorado, mas não se compara ao péssimo atendimento médico do posto do Inamps do Céu Azul», ressaltou.